

À São

Ana T. Rocha

Não é mentira nem segredo a minha admiração pela poesia de Conceição Lima. Lembro-me de quando a comecei a ler e lembro-me da minha frustração, que impulsionou uma viagem intensa de estudo; durante a qual, para mim, a poesia, ela mesma, cresceu.

Às vezes, tenho saudades da viagem. Saudades da São. Releio-a e aguardo palavras novas. Ficou um vínculo que não possuo com nenhuma outra. Esta é a minha.

Acontece-me repetir conversas para ouvir o Luandino descrever-me, mais uma vez, os olhos grandes e curiosos da jovem São, quando a conheceu em São Tomé. E eu pergunto: - Qual São? A minha São? – Forço para o consolo de ouvir do outro lado: - Sim. - ... Para evitar confusões...

Nem sempre a tratei por São. Tinha demasiado respeito e pudor. A melancolia e a estranha suavidade na precisão da palavra séria, não me permitiam gestos excessivos, emocionais. Tive de caminhar com devagarinho. Usando a desculpa e a manha de que compreendessem o facilitismo, abreviei para São Lima. Com o tempo, o amor manteve-se e eu julguei que era já o momento de dar mais um passo. Enchi-me de coragem e ousadia, e aproveitei a deixa: - Qual São? A minha São? -... Para evitar confusões...

Agora, não há recuo. Só digo Conceição por ciúme, quando falo sobre ela a alguém. Por resguardo.

Nunca vi a São.

Mas imagino os olhos dela e releio a carta dedicada à Odete e tenho ciúmes e quero ser a Odete. Sou sempre a Odete. Ainda que aqui as árvores sejam diferentes. Porque eu imagino micondós, kabaseras, baobás e imbondeiros, sem nunca os ter visto. Eu posso imaginar micondós, São.

Ontem, recebi uma mensagem. Trazia uma entrevista anexada, sobre a qual eu queria escrever. Mas, por tudo, saiu-me este texto. E eu deixo-o aqui, aquecendo o lugar do abraço, que eu tenho para os teus olhos, São.